

LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA E O ESPIRITISMO NO BRASIL: DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Marilane Machado

Médico, político, intelectual, chefe de família exemplar. Esses são alguns dos perfis apontados pelos biógrafos de Leocádio José Correia.

A primeira biografia de Leocádio José Correia foi publicada em 1979 pela Prefeitura Municipal de Paranaguá e reeditada com poucas alterações em 2007, pela Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas. Escrita por Valério Hoerner Junior, bisneto de Leocádio José Correia e detentor de um vasto acervo documental sobre a vida do seu antepassado, tais como cartas, diários, fotografias, despesas familiares e profissionais, etc. Além desta biografia, de autoria de Valério Hoerner Junior, foi publicado em 1995 um romance biográfico e de ficção da vida e obra do Dr. Leocádio José Correia, de autoria de Rubens Correa. Nesta obra o autor não apresenta informações inéditas a respeito da vida do personagem biografado, nem faz análises documentais, mas utiliza-se de licença poética para recontar a vida do médico de maneira literária, preenchendo as lacunas com elementos de sua imaginação. Estas biografias se configuram como uma importante fonte de informações sobre fatos da vida de Leocádio José Correia que seriam de difícil acesso, mas também se apresentam enquanto fonte de pesquisa a serem analisadas à luz de teorias da análise do discurso que nos permitem observar a escrita destas biografias enquanto produtoras de sentidos, práticas e representações acerca da figura de Leocádio José Correia.

1. Leocádio José Correia: o homem e o espírito

Nascido em 16 de fevereiro de 1848 na cidade de Paranaguá, quando esta ainda fazia parte da quinta comarca de São Paulo, Leocádio José Correia foi um dos nove filhos do comerciante Manoel José Correia com Antônia da Costa Pereira.

Suas biografias apontam que desde criança Leocádio foi uma pessoa interessada pelos estudos, o que cria em torno de si uma imagem de “homem das letras” que desde criança tinha propensão à intelectualidade. Estudou no Seminário de São Paulo e após alguns anos no Colégio Episcopal de São Pedro D’Alcantara no Rio de Janeiro, mas depois de completar os estudos preparatórios para tornar-se sacerdote resolveu não tomar a

primeira unção sacramental e ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se formou em 20 de dezembro de 1873.

Formado, regressou à Paranaguá onde abriu um consultório. No ofício da medicina atendia Paranaguá e localidades vizinhas como Guaratuba, Guaraqueçaba, Antonina e Morretes. Além do atendimento na clínica, consta que foi médico da Santa Casa, além de passar quase diariamente pelos casebres da cidade perguntando pela saúde dos moradores e prestando atendimento gratuito. A imagem de médico humanitário, que exercia a medicina como um sacerdócio, atendendo a todos os doentes que o procuravam, podendo ou não pagar, ronda a sua biografia, sendo uma das representações mais significativas deste personagem:

Sua clínica era um sucesso. Era tão procurado quanto o vigário. E muita gente o achava com as mesmas funções, porque ao despedir-se apenas beijavam-lhe as mãos, com mesuras exageradas. O pagamento? Ora, e então não bastava o “muito obrigado?” Leocádio ria. Gente simples... Quando não recebia a título de pagamento pelos serviços uma ou duas galinhas, um leitão já bom pra mesa. Leite, queijos.
- Deixe estar, dona. A senhora não pode pagar. Deus paga pela senhora. Agora vá! E não esqueça de vir buscar o remédio amanhã.
Lá ia Leocádio ao boticário mandar aviar sua própria receita. E pagar pelo aviamento. No dia seguinte, entregava à mulher, que saía mais uma vez pensando que era química do Dr. Leocádio.
-Deus o abençoe, doutor! Tão bom pra gente...(Hoerner, 1995, p.65)

No ano seguinte à sua formatura, Leocádio José Correia casou-se com Carmela Augusta Cysneiros, com quem teve três filhos: Leocádio Cysneiros Correia, Lucídio Correia e Clara Correia Alves Araújo. As biografias do médico destacam a imagem de um chefe de família exemplar, dedicado à família, mesmo tendo que atender aos diversos compromissos profissionais, culturais e políticos com os quais se envolveu durante a vida.

Além de médico reconhecido na cidade de Paranaguá e redondezas, Leocádio assumiu ao longo de sua trajetória algumas colocações políticas importantes. Em 1875 assumiu as funções de Inspetor Sanitário dos Portos de Saúde de Paranaguá a Antonina, tendo exercido importante papel durante uma epidemia de febre amarela que assolou a região no período em que ocupou esse cargo. Ocupou uma cadeira na Assembleia Provincial entre 1876 e 1879, pelo Partido Conservador. Após o término de seu segundo

mandato como Deputado Provincial, em 1979, assumiu uma cadeira de vereador em Paranaguá e em 1885 a função de Inspetor Paroquial das Escolas de Paranaguá.

Concomitantemente às atividades acima citadas e ao exercício da medicina, Leocádio frequentava o “Club Litterario”, associação da qual foi sócio durante 13 anos, onde ficou conhecido pelas atividades culturais na qual se envolveu e envolveu a população da cidade: o teatro, a poesia, as publicações e traduções de literatura francesa em jornais da cidade, entre eles “O Itybere”, folha do Club Litterário, as aulas de francês e português em cursos noturnos oferecidos pelo Club. Destaca-se desta forma, em sua biografia, mais uma das facetas de Leocádio José Correia: um homem letrado, intelectual de seu contexto.

Em 18 de maio de 1886, aos 38 anos de idade, Leocádio José Correia morreu em Paranaguá, deixou a esposa e os três filhos ainda crianças.

Após sua morte, um número expressivo de pessoas passou a acreditar que o Dr. Leocádio continuou presente entre os vivos exercendo a atividade da medicina. Vários depoimentos de pessoas que declaravam ter sido curadas ou terem pessoas de seu convívio curadas pelas visitas de Dr. Leocádio foram propagados gerando um verdadeiro culto à sua imagem.

Além da difusão desta crença popular em torno do Dr. Leocádio, seguidores do espiritismo kardecista passaram a divulgar as manifestações do espírito de Leocádio José Correia em sessões mediúnicas em diversas localidades do Paraná, além de outros locais do Brasil. Centros espíritas dos quais passou a ser patrono espiritual foram batizados com seu nome, demonstrando que além da ênfase dada em suas biografias às realizações de sua vida, outros discursos foram cunhados acerca de sua possível atuação após a morte, chegando sua fama até os dias de hoje.

Este estudo que está em fase inicial de pesquisa integrará parte da compreensão do campo religioso do Brasil no século XX, mais especificamente no Estado do Paraná, envolvendo os discursos produzidos e/ou apropriados pelo espiritismo kardecista acerca da imagem de Leocádio José Correia. O recorte temporal desta pesquisa será, portanto, parte do século XX, quando o espiritismo enfrentou embates com diferentes setores da sociedade brasileira na busca de legitimação.

Para tanto, faz-se necessário o entendimento da História do espiritismo e de sua inserção no Brasil, buscando compreender a importância da imagem de Leocádio José Correia para a consolidação do espiritismo neste contexto.

2. Estudos sobre o espiritismo no Brasil e sua importância para esta pesquisa

Dentre as religiões consideradas brasileiras, o espiritismo é a que apresenta-se como uma das menos estudadas. Os primeiros trabalhos sobre o kardecismo no Brasil foram realizados a partir de comparações com as religiões afro-brasileiras. Entre esses encontram-se os de Cândido Procópio Camargo (1961) e Roger Bastide (1985), datados dos anos 60 do século XX. Foram trabalhos importantes que tornaram-se referência para os estudos posteriores, sejam eles da área da história, sociologia ou antropologia. Esses estudos consolidaram a ideia, posteriormente endossada por Sandra Jacqueline Stoll (2003) de que na França, onde eclodiu a doutrina espírita, houve uma predominância do caráter científico enquanto no Brasil se destacou a dimensão mística e religiosa embora a mesma tenha sido definida por Allan Kardec como sendo ao mesmo tempo filosofia, ciência e religião.

Outro trabalho significativo sobre o kardecismo que se tornou referência na área das ciências humanas é o do antropólogo Émerson Giumbelli (1997). Este autor desenvolveu um estudo sobre a disseminação do espiritismo no Brasil enquanto religião, demonstrando que a Constituição de 1889 garantia a liberdade de culto no Brasil, mas o Código Penal de 1890 passou a perseguir os praticantes de “feitiçaria”, “magia” e “curandeirismo”, considerados “charlatães”. Desta forma, os seguidores do kardecismo que antes defendiam seu caráter científico passaram a defendê-lo enquanto religião ao mesmo tempo em que diferenciaram-no do chamado “baixo espiritismo”, buscando legitimar-se no campo religioso brasileiro.

Nesta perspectiva dos embates discursivos em torno do espiritismo, da sua inserção no campo religioso brasileiro, da busca de legitimação a partir da diferenciação com o “baixo espiritismo” e dos conflitos deste com os campos médico e jurídico, além dos embates internos do próprio campo religioso encontram-se diferentes publicações acadêmicas do historiador Artur Cesar Isaia.

No trabalho *Allan Kardec e João do Rio: os jogos do discurso* (ISAIA, 2003) o autor cruzou discursos sobre o mundo dos espíritos e do contato entre vivos e mortos proferidos na França do século XIX por Allan Kardec, o “codificador” do espiritismo, e no Rio de Janeiro do início do século XX pelo cronista João Barreto, mais conhecido como João do Rio. O historiador demonstra que na França o discurso científico do Espiritismo o aproximou do discurso burguês, passando a conviver com as propostas

dominantes, endereçado à “redenção” de uma população à margem da racionalidade que deveria presidir a sociedade industrial. Já no discurso de João do Rio no início do século XX verifica-se a aproximação do contato com os espíritos à degradação moral, ao vício, à superstição e ao atraso entre os adeptos do chamado “baixo espiritismo”. Distanciando-se desta representação negativa, o espiritismo kardecista praticado pela elite social do Rio de Janeiro frequentadora da Federação Espírita Brasileira, foi visto pelo cronista como científico, letrado, e acima de qualquer interesse material.

Em outro capítulo de livro intitulado *Espiritismo, República e Progresso no Brasil* Artur Cesar Isaia caminha na mesma perspectiva de análise expondo que o contexto no qual se desenvolveu o espiritismo no Brasil era diverso do francês na segunda metade do século XIX. Longe de ser um movimento de massas sua importação para o Brasil e o cultivo de suas ideias dava-se sobre uma elite letrada nucleada em Salvador e após no Rio de Janeiro durante a segunda metade do século XIX. Aqui o espiritismo teve que conviver com a crença de alguns grupos africanos e lutar contra sua equiparação para com eles, assim como aclimatar-se à hegemonia do imaginário católico, diferente da França, onde teve que lutar contra a Igreja e o materialismo. Quanto á oposição feita por João do Rio em suas crônicas entre o Espiritismo à francesa, praticado pela Federação Espírita Brasileira (FEB) e um outro ligado às classes populares, marginalizadas, Isaia expõe que os espíritas da FEB não concordavam com a expressão “baixo espiritismo”, pois para eles só havia um espiritismo: aquele codificado por Allan Kardec. Não fosse por esta discordância, poder-se-ia afirmar que através de João do Rio houve um esforço de legitimidade dos espíritas kardecistas brasileiros. O cronista ainda destaca em suas crônicas a presença de uma elite política do início da República no Brasil entre os frequentadores da FEB, o que levou o pesquisador à conclusão de que o discurso espírita no Brasil se ligou à república e ao progresso em oposição ao discurso católico, ligado à monarquia e ao atraso (Isaia, 2007).

Ainda na perspectiva dos embates enfrentados pelo Espiritismo no Brasil, em seu trabalho *Mensagens do além, imagens do aquém: o espiritismo no discurso da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX* Artur Cesar Isaia expõe a união entre a hierarquia católica e o discurso médico psiquiátrico contra o espiritismo no Brasil, na primeira metade do século XX. O autor demonstra que os médicos discordavam de sentenças judiciais nas quais o espiritismo era defendido com base no argumento da liberdade de culto. Para o discurso médico o espiritismo era visto enquanto manifestações anti-sociais, produto do meio urbano monstruoso, imprevisível,

capaz de acobertar comportamentos anormais, associavam-no à subversão da ordem republicana. Com este trabalho, chega-se à conclusão que os médicos discordavam tanto do caráter religioso do espiritismo, quanto de sua dimensão científica e letrada (Isaia, 2008).

Em relação ao embate entre os discursos espírita e católico no século XX, podemos citar a tese defendida pelo historiador Flamarion Loba da Costa no ano de 2001, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Em seu estudo o autor analisa os discursos produzidos por católicos e espíritas até a década de 60 do século XX, demonstrando, a partir da análise de periódicos e documentos, o embate discursivo que havia entre as duas religiões. O autor afirma que por ter tomado uma conotação mais religiosa do que filosófica e científica em território brasileiro, os adeptos do espiritismo foram encarados como hereges pelos dirigentes e fiéis católicos. Coube aos espíritas rebater essas acusações de heresia, bruxaria e demonolotria em obras e periódicos espíritas (Costa, 2001, p.100-101). Esses discursos foram alvo da investigação do pesquisador.

Todos os estudos citados até o momento são significativos para este projeto de pesquisa na medida em que demonstram que a inserção da doutrina espírita no Brasil ocorreu em meio a muitos embates. A consolidação do espiritismo em seu caráter predominantemente religioso no Brasil se deu a partir da disputa com a Igreja Católica, mas também de conflitos que extrapolaram o campo religioso e envolveram o campo da medicina e jurídico, sobretudo na primeira metade do século XX.

Nossa proposta é analisar a construção e a apropriação discursiva acerca da imagem de Leocádio José Correia pelo espiritismo no Paraná durante parte do século XX buscando o entendimento de como estes discursos contribuíram para a consolidação desta doutrina, legitimando-a nesse contexto de conflitos.

Outro aspecto que podemos abordar é a legitimação do espiritismo a partir de histórias de personagens personificadas como tipos ideais. Neste sentido a antropóloga Sandra Jacqueline Stoll realizou um estudo significativo, a partir da análise da trajetória de três personagens tratados como tipos ideais cujas características definiram o espiritismo em determinados momentos e/ou contextos sociais: Allan Kardec, na França; Francisco Candido Xavier e Luiz Antonio Gasparetto, no Brasil (Stoll, 2003, p.19-20).

Ao tratar da trajetória do médium Francisco Candido Xavier no Brasil, a antropóloga identifica que sua história de vida foi contada e recriada a partir da lógica do

sofrimento, do sacrifício e da renúncia, características responsáveis por criar em torno de sua figura a noção de santidade, o que conferiu ao espiritismo no Brasil um caráter religioso integrante do *ethos* nacional católico, um modelo de conduta a ser seguido (Stoll, 2003, p.194-196).

Outra estudiosa que se deteve à análise da biografia de Francisco Candido Xavier foi a historiadora Raquel Marta da Silva. Em sua dissertação de mestrado, defendida no ano de 2002, junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia a autora analisou a trajetória do médium buscando compreender sua importância para a construção e consolidação do imaginário que elevou a cidade de Uberaba à condição de “Capital do Espiritismo” no Brasil. A historiadora entende que os vários aspectos da biografia de Chico Xavier transformaram este personagem em um *bem simbólico* apropriado pelo espiritismo (Silva, 2002). Em sua tese de doutorado defendida em 2008, junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina a autora aprofundou seus estudos apontando ser possível analisar a biografia de Chico Xavier para além das três características míticas que lhe atribuiu Stoll – sofrimento, sacrifício e renúncia – que faziam parte do imaginário mineiro e foram articuladas à sua biografia. Vislumbrou a possibilidade de também compreender esta biografia como uma produção memorialística construída a partir de representações de *mineiridade*, apropriada pelo Grupo União Espírita Mineira na tentativa de construir e consolidar um imaginário de hegemonia do movimento espírita mineiro perante o restante do país (Silva, 2008).

Para esta pesquisa esses estudos são significativos na medida em que as trajetórias das pesquisas e da narrativas se dão em torno da biografia de um ou mais personagens. No caso da pesquisa que proponho, não nos ateremos à biografia de Leocádio José Correia, mas às construções discursivas em torno dela e de suas possíveis ações pós-morte.

Nossa principal hipótese é que o espiritismo no século XX se apropriou de discursos produzidos em torno deste personagem e elaborou outros discursos a respeito dele. Ao fazer isso enalteceu características pessoais de Leocádio José Correia, que fazem dele um modelo de indivíduo a ser seguido: médico humanitário, desapegado aos bens materiais quando o assunto era o bem estar de seus pacientes; dedicação ao trabalho, à profissão, à família e ao bem estar da população através de sua atuação política, intelectual de sua época e que volta depois da morte com todos esses valores agregados à sua imagem, agora envolta pela aura de mentor espiritual.

3. Quadro teórico-metodológico

A partir desta análise podemos supor, também, que o espiritismo no Paraná ao construir e apropriar-se desses discursos utilizou-os como *bens simbólicos* para legitimar-se enquanto religião, construindo assim imaginários, representações e práticas a partir deles.

As análises realizadas nesta pesquisa buscam o entendimento de parte da dinâmica do campo religioso no Paraná durante o século XX, e a posição que o espiritismo ocupou neste campo. Entendemos o conceito de *campo* a partir da definição de Pierre Bourdieu, como sendo um universo relativamente autônomo de relações específicas que podem ser observadas entre os atores sociais. O que determina essas interações é a posição que cada um (instituição ou indivíduo) ocupa dentro da estrutura de cada campo (Bourdieu, 1989, 66-67). O lugar ocupado por esses atores sociais em cada campo difere conforme a posse de determinados *capitais simbólicos* exigidos dentro deles e a troca dos *bens simbólicos* entre os integrantes do campo. A posse dos *bens simbólicos* confere poder aos atores sociais que compõem o campo. Pensar em campos, portanto, é pensar no poder simbólico existente em cada um deles e no que significa a noção de poder para Bourdieu.

O poder está por toda a parte dentro dos campos, de acordo com Bourdieu; é uma espécie de poder invisível, que só pode ser exercido por uns sobre os outros se estes, submetidos ao poder, permitirem tal sujeição (Bourdieu, 1989, p.9). Assim, dentro de um campo, numa relação de trocas, quem detém o poder sobre determinado grupo só o exerce porque o grupo consente e, portanto, lhe confere a posse dos *capitais simbólicos*. O campo pode ser um espaço de conflitos, em que os autores concorrem entre si pela legitimação e, portanto, pela manipulação do *capital simbólico* para que possam exercer o poder.

Entendemos o espiritismo ao longo do século XX, como integrante de um *campo religioso* no qual disputa a posse de bens simbólicos com outros integrantes deste campo, que podem ser neste caso outras instituições religiosas. Os discursos produzidos ou apropriados pelo espiritismo acerca de Leocádio José Correia, portanto, são uma tentativa ser reconhecido enquanto portador de *capitais simbólicos* que fazem desta religião detentora ou não de poder dentro do campo religioso.

Assim, nas lutas discursivas, o poder não está na palavra em si, mas nos sentidos e representações criadas por elas e no reconhecimento que uma população de fiéis confere a um *porta-voz autorizado*, detentor do capital simbólico legítimo para o grupo (Bourdieu,

1996. P.89-91). O porta-voz autorizado, tem legitimidade sobre o grupo na medida em que seu discurso é reconhecido.

A análise de Eni Pulcinelli Orlandi se aproxima da de Bourdieu quando expõe que há uma relação de interação entre locutor e ouvinte na produção de discursos, mas que esta relação é permeada de tensões e conflitos na tomada da palavra, tensão entre texto e contexto e entre interlocutores (Orlandi, 1983, p.138-139). A autora dá atenção às condições de produção do discurso, destacando que os mesmos são formações imaginárias nas quais contam as relações de força, ou seja, o lugar social ocupado pelos interlocutores e sua posição relativa no discurso (Orlandi, 1983, p.146).

Bronislau Baczko também traz contribuições importantes para a análise que pretendemos fazer. Para ele o imaginário social é uma das forças reguladoras, uma peça eficaz e efetiva de controle da vida coletiva e do exercício da autoridade e do poder. A legitimação de um poder, por sua vez, também é pensada por Baczko como relacionada à posse de um bem simbólico que constitui objeto de conflitos (Baczko, 1994, 309-310). A produção de discursos é que torna esse imaginário social inteligível e comunicável e através desses discursos se efetuam a reunião das representações coletivas. (Baczko, 1994, 311) Os discursos elaborados em torno da imagem de Leocádio José Correia que pretendemos analisar, portanto, são a expressão do imaginário social produzido em torno deste personagem ao mesmo tempo em que reúnem as representações em torno dele.

As análises de Roger Chartier também são profícuas para nosso estudo e estão em consonância com as ideias de Bourdieu e Baczko. Para Chartier o principal objeto da história cultural deve ser o entendimento de como uma realidade social é construída. Tal entendimento se dá através das representações que se criam dessa realidade. As representações são sempre determinadas pelo interesse do grupo que as forjam e se manifestam por meio de discursos que nunca são neutros, pois “produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”(Chartier, 1985, 17). Para o autor, as representações estão sempre colocadas num campo de luta, de concorrências pelo domínio do poder.

Ao analisarmos os discursos produzidos pelo espiritismo em torno da biografia de Leocádio José Correia, estaremos então analisando as representações e imaginários produzidos por este grupo na intenção de legitimar-se num campo de lutas e concorrências.

Além de produzir discursos o espiritismo pode também ter se apropriado de discursos produzidos por outros grupos. Para Foucault, o discurso não é somente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder do qual se quer apoderar (Foucault, 1996, p10). Apropriação também é um conceito discutido por Chartier (1985, p.26-27), que diferencia o uso que faz deste conceito, daquele feito por Foucault, por exemplo, para quem apropriação se referia à vontade por parte da comunidade de estabelecer um monopólio sobre a formação e circulação dos discursos, apoderar-se dele. Chartier utiliza o termo dando sentido à pluralidade de usos, interpretações e compreensões que se pode fazer de um mesmo texto sem excluir totalmente a visão foucaultiana, e neste trabalho também não pretendemos excluí-la. Ligar as duas ideias é possível, pois a pluralidade de sentidos e interpretações dadas a um mesmo discurso não exclui a vontade de verdade por parte dos grupos que interpretam e dão sentido aos discursos.

4. Considerações Finais

Investigar a construção e a apropriação discursiva acerca da imagem de Leocádio José Correia pelo espiritismo no Paraná durante parte do século XX e buscar o entendimento de como estes discursos contribuíram para a consolidação desta doutrina num momento de intenso embate com outras denominações religiosas, especialmente a Igreja Católica, é nosso principal objetivo nesta pesquisa que se encontra em fase inicial.

Diante dessas informações, acreditamos que este estudo possa trazer contribuições para o entendimento das manifestações do campo religioso brasileiro, ao analisar um personagem emblemático para a Doutrina Espírita no Brasil.

Referências Bibliográficas

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: Enciclopédia Einaudi. Antropos-Homem. Imprensa Nacional – Casa da Moeda: Lisboa, 1994. P.309-310.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1985.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. A Economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

CAMARGO, Cândido Procópio. **Kardecismo e umbanda**. São Paulo: Pioneira, 1961.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1985.

CORREA, Rubens. **Brumas do Passado: Dr. Leocádio – médico de homens e de almas**. Curitiba: Editora IPES, 1995.

COSTA, Flamarion Laba da. **Demônios e Anjos – O embate entre espíritas e católicos na República Brasileira até a década de 60 do século XX**. Tese. (Doutorado em História). UFPR, Curitiba, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

GIUMBELLI, Emerson Alessandro. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

HOERNER JUNIOR, Valério. **A vida do Dr. Leocádio**. Paranaguá: Prefeitura Municipal de Paranaguá, 1979.

_____. **A vida do Dr. Leocádio**. Curitiba: Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas, 2007.

ISAIA, Artur Cesar. **Allan Kardec e João do Rio: os jogos do discurso**. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz; PATRIOTA, Rosangela (Orgs.). **Histórias e Historiografia: perspectivas contemporâneas de investigação**. Uberlândia: EDUFU, 2003.

_____. **Espiritismo, República e Progresso no Brasil**. In: HOMEM, Amadeu Carvalho; SILVA, Armando Malheiro da.; ISAIA, Artur Cesar (Coord.). **Progresso e Religião: A República no Brasil e em Portugal 1889-1910**. Coimbra: Editora da Universidade de Coimbra; Uberlândia: EDUFU, 2007, p. 285-306.

_____. **Mensagens do além, imagens do aquém: o espiritismo no discurso da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX**. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosangela; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). **Imagens na História**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008, p. 448-461.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento. Formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Raquel Marta da. **Chico Xavier: imaginário religioso e representações simbólicas no interior das Gerais - Uberaba, 1959-2001**. Dissertação. (Mestrado em História). UFU, Uberlândia, 2002.

_____. **Mineiridade, representações e lutas de poder na construção da ‘Minas Espírita’: Da União Espírita Mineira a Francisco Cândido Xavier (1930-1960)**. Tese. (Doutorado em História). UFSC, Florianópolis, 2008.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora Orion, 2003.